

Virando o mundo de ponta-cabeça: o outro lado da revolução inglesa¹

Hoje quero falar sobre "o mundo de ponta-cabeça", e isso significa falar sobre o que os radicais fizeram ou deixaram de fazer durante a Revolução Inglesa. O mundo de ponta-cabeça, como vocês devem saber, é uma frase bíblica, dos *Atos dos Apóstolos*, em que se descreve a visita dos primeiros missionários cristãos a Corinto (ou a uma outra cidade qualquer), quando foram denunciados pelas pessoas por suas pregações, que ameaçavam virar o mundo de ponta-cabeça.² A frase foi utilizada pelos conservadores como uma descrição pejorativa das pessoas subversivas que tentavam virar o mundo de ponta-cabeça. Os próprios radicais sentiam que os apóstolos, os cristãos primitivos, conseguiram virar o mundo pagão de ponta-cabeça. Acreditavam que virar o mundo de ponta-cabeça era uma causa digna. O mundo precisava ser virado de ponta-cabeça porque estava com o lado errado para cima, tanto socialmente, como privilégios de classes, como culturalmente.

Quando se reflete sobre linguagem bíblica usada no século XVII, é preciso colocá-la em perspectiva histórica, pois trata-se de uma linguagem bastante incomum na atualidade. Hoje em dia esta linguagem é geralmente utilizada pelas

¹ Este título refere-se ao seguinte livro do autor: *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Conferência proferida em 11/03/1993. Todas as notas são de responsabilidade dos organizadores deste número.

² *Atos dos Apóstolos* 17,1-8. Christopher Hill utiliza a expressão em inglês *The World Upside Down*.

seitas religiosas mais irracionais e entusiastas e por maníacos religiosos de vários tipos. Não era assim no século XVII. No século XVII, todos liam a Bíblia, que havia sido traduzida para o inglês bastante recentemente. Todos que sabiam ler pensavam que toda a verdade estava contida na Bíblia, e a abordavam de um modo bastante ingênuo.

Havia um galês chamado Arise Evans, que veio para Londres, nos anos de 1630, da região interiorana do País de Gales. Ele nos conta em sua autobiografia que, antes de vir a Londres pensava que a Bíblia tratava de outros povos, em países distantes, em épocas remotas do passado. Após alguns anos em Londres, compreendeu que a Bíblia era, na verdade, sobre nós, e que descrevia como agimos ou devíamos agir. Ele e muitas outras pessoas buscavam na Bíblia conselhos de como se comportar em circunstâncias específicas; tentavam desvendar as analogias e decidir, baseados na Bíblia, qual o modo correto de agir. Não se tratava de uma mania religiosa. Embora fosse pouco racional, era uma abordagem amplamente interligada à política.

Com a desintegração total do governo, em 1640 as pessoas pararam de pagar impostos. Havia tumultos por toda parte em Londres, libertação de prisioneiros, e quem fazia tudo isso eram as pessoas comuns, sem o estímulo de qualquer grupo em particular. Havia tumultos no campo contra o cercamento de terras e o despejo de camponeses. Toda a sociedade parecia desintegrar-se. Hoje é possível perceber que esta era uma situação revolucionária, mas na época não se tinha nenhuma revolução semelhante no passado à qual se pudesse referir. Os revolucionários franceses e americanos voltavam-se para a Revolução Inglesa para compreender o que era uma revolução, no momento da desintegração do governo, quando algo novo havia de ser colocado em seu lugar. Mas nos anos 1640, não havia nenhuma experiência prévia disso. A palavra *revolução* adquiriu seu significado moderno em inglês, ao longo da Revolução Inglesa. Antes dos anos 1640, *revolução* significava movimento em círculo. As estrelas moviam-se em círculos. A idéia de revolução, não como movimento circular, mas como uma grande e súbita mudança, foi o significado que a palavra adquiriu nos anos 1640 na Inglaterra. Antes tal significado inexistia e não se podia dizer "*isto é uma revolução*"; como foi dito durante a Revolução Francesa. Vocês se lembram de que quando Luis XVI, olhando através da janela, viu as multidões e disse: "*Isto é uma revolta*", um membro da corte retrucou, "*Não, senhor, não é uma revolta, mas uma revolução*". Nesta data já se podia fazer esta distinção, mas não na Inglaterra dos anos 1640. Não havia nenhum Rousseau nem um Karl Marx da Revolução Inglesa, não havia nenhuma teoria sobre revoluções, porque não se sabia que esta *coisa* existia.

Portanto, em situações difíceis, as pessoas tinham que recorrer ao único texto que conheciam para encontrar alguma orientação, e este texto era a Bíblia. E, naturalmente, conhecendo-a suficientemente bem, pode-se encontrar aquilo

que se quiser. Ora, as pessoas no século XVII conheciam a Bíblia muito bem. Uma das ideologias que emergiu da Bíblia foi o *milénarismo* — a idéia de que o fim do mundo está próximo. Nós consideramos isto um tanto quanto irracional, e hoje ela só é sustentada por maníacos e excêntricos. Mas no século XVII era um assunto acadêmico sério, o qual se esperava que fôsse desvendado através do estudo cuidadoso dos livros proféticos da Bíblia, particularmente o livro de *Daniel* e do *Apocalipse*, que dão diversas pistas sobre o modo como o fim do mundo iria ocorrer, seguido pela segunda vinda de Jesus Cristo. Há diversas cifras e sugestões misteriosas como "*tempo, tempos, e meio tempo, meia-meia-meia*" além de diversos problemas cabalísticos curiosos traçados pelos livros proféticos da Bíblia. Tudo isto constituía assunto acadêmico sério, que ocupava os principais e mais conceituados matemáticos, historiadores, cronologistas e teólogos. John Napier, inventor dos logaritmos, considerava que os logaritmos eram muito úteis para calcular a data do fim do mundo. Mesmo no final do século XVII, Sir Isaac Newton, o maior cientista da Inglaterra, e talvez do mundo, gastou mais tempo pesquisando a data do fim do mundo do que com a física, pela qual é lembrado hoje. Parece uma grande perda de tempo, do nosso ponto de vista, mas era um assunto sério no século XVII. Estabeleceu-se uma espécie de consenso nos países protestantes, de início do século XVII, segundo o qual o fim do mundo deveria ocorrer em algum momento do século. A data predileta situava-se nos anos 1650, o mundo poderia ainda arrastar-se até os anos 1690. Estes eram os limites dentro dos quais os especialistas sérios, aqueles que eram tratados como especialistas e que, nos termos de sua própria época, eram corretamente tratados como tais, acreditavam que o fim iria transcender. Quando em 1641, por exemplo, John Milton, que não era um lunático entusiasta, mas um acadêmico muito sério e um poeta, escreveu sobre Cristo como um rei a ser esperado em breve, ele estava pensando em termos de doze anos mais ou menos.

Havia, portanto, grandes expectativas e esperanças, e houve também uma grande desilusão quando, ao longo dos anos 1650, a esperada segunda vinda não aconteceu. Em 1660, encontrava-se assentado no trono, não o rei Jesus, mas o rei Carlos II, um personagem bastante diferente do rei Jesus. Mas, nos anos 1640, isto significou um grande estímulo para a excitação revolucionária. O esperado fim do mundo equiparava-se a uma sociedade perfeita e era isto que todos queriam nos anos 1640. Obviamente, estavam muito insatisfeitos com sua sociedade, queriam conseguir algo melhor, e acreditavam que podiam fazer isto acontecer. Na Idade Média, sempre que havia uma crise como a fome generalizada ou algo parecido, as pessoas viam nisto um sinal de que o fim do mundo estava próximo. Mas nos anos 1640, esta idéia parecia estar fundamentada muito mais substancialmente neste consenso acadêmico. Uma das coisas consideradas necessárias antes do reaparecimento do Cristo na Terra era a derrubada do anticristo, e todos os protestantes sabiam que o anticristo era o papa em Roma, e que o papa tinha seus agentes

na Inglaterra. O anticatolicismo, que era muito vivo entre os radicais e também entre os parlamentaristas, era parte dessa ideologia. Era necessário livrar-se do anticristo, em qualquer dos lugares de destaque nos quais exercia sua influência na Inglaterra. Havia muitas pessoas que percebiam sinais de um complô internacional anticristão contra a independência protestante da Inglaterra. Ficar livre do anticristo fazia parte da teoria revolucionária.

Quando a guerra civil começou, a propaganda parlamentarista referia-se aos monarquistas como o exército anticristão. Alegava-se que tinham aliança com o papa contra a independência protestante da Inglaterra. Ao longo do processo de revolução, emergiu uma espécie de teoria sobre aquilo que acontecia. Oliver Cromwell resumiu isto num discurso feito no Parlamento, em 1654, no qual observou que algumas pessoas diziam que o regime atual — seu regime — era produto da invenção humana, um complô feito por homens astutos a fim de obter poder para si próprios. É muito errado, diz ele, atribuir à invenção humana as soluções de Deus, na passagem de um período a outro. Isto aproxima-se bastante da nossa definição moderna de uma revolução. A história resolvendo as coisas, na passagem de um período para outro. Trata-se de algo impessoal, e Cromwell via a si próprio simplesmente como um agente de Deus, no processo de fazer acontecer esta mudança histórica necessária. Os revolucionários viam a si próprios como cooperando com Deus, no sentido de realizar seus propósitos sobre a Terra.

Houve duas revoluções nos anos 1640, talvez mais, mas as duas em que estou pensando eram: a revolução política, que foi bem sucedida, que se estabeleceu e que na verdade removeu o poder do rei e o transferiu para o Parlamento, que, por sua vez, representava os mercadores e a pequena nobreza da Inglaterra. Esta revolução durou algum tempo, com seus altos e baixos, e foi finalmente confirmada em 1688 quando a Inglaterra tornou-se um país no qual o rei era relativamente sem importância e o Parlamento soberano na política. A segunda revolução, que falhou, foi a revolução radical a favor de mudanças sociais em grande escala, e pela democratização da Inglaterra. O Parlamento representava as classes proprietárias: apenas os homens que tivessem alguma propriedade tinham direito de voto, e nenhuma mulher, obviamente. As pessoas comuns não participavam diretamente na eleição dos membros do Parlamento e menos ainda das decisões políticas. Até que o Exército de Novo Tipo, que venceu a guerra para o Parlamento, tornou-se politizado, e as tropas do exército começaram a apresentar suas próprias demandas, associadas aos radicais londrinos e de outras partes do País. Houve um racha entre os parlamentares, depois de vencida a guerra contra o rei, sobre a questão da reconstrução da Inglaterra e sobre a forma de governo a partir de então. Em última análise, a segunda revolução falhou, mas produziu algumas idéias muito interessantes, que permitem ter-se uma visão da sociedade vinda de baixo, impossível para outras épocas.

Tudo isso acontecia ao mesmo tempo em que havia uma explosão de publicações, que discutimos anteriormente. Houve uma enxurrada de jornais, panfletos antes inexistentes, escritos sob todos os pontos de vista. Foram publicados, lidos e discutidos, pois era preciso discutir e debater os acontecimentos em meio a uma crise, na qual o governo desmoronava-se: "o que vamos fazer?", "qual é o sistema social e político correto?". O importante é que, nos anos 1640, muitas pessoas que conseguiam imprimir suas idéias nunca o teriam feito antes. Eram o que os acadêmicos contemporâneos chamariam de iletrados, isto é, que não sabiam grego ou latim. Não obstante, esta maioria "iletrada" concebia idéias bastante elaboradas com relação àquilo que queriam discutir. Houve uma efervescência quando apareceu o panfleto de Milton, *Areopagítica*, defendendo a liberdade de imprensa. Foi recebido com grande alegria e excitação, pois consubstanciava a noção da chegada, se não do *Milênio*, certamente de uma Inglaterra melhor. A livre discussão continuou por algum tempo. Foi um período em que toda a espécie de pensamento, antes impúblicável, chega às páginas de jornais, livros, panfletos, etc. Um texto famoso da época foi publicado em 1640 por um sapateiro chamado Samuel How. Opinava How que a educação formal não era pré-requisito para pregar e sim o espírito de Deus. Muitas outras pessoas que não tinham educação, no sentido universitário clássico, mas que educaram a si próprias, conseguiam publicar seus pontos de vista. Até mesmo algumas mulheres. Esta efervescência era a contra partida do clima de exaltação presente nas congregações religiosas que haviam surgido em várias partes de Londres e nos condados do sudeste da Inglaterra. Estas congregações eram separadas da Igreja oficial, à qual todos os ingleses até então supostamente pertenciam. Surgiram por toda parte congregações locais que poder-se-iam chamar de *clubes de discussão*. Cada uma elegia seu próprio líder, um pregador, e em suas reuniões discutiam, além de assuntos religiosos, outros relativos à política e à sociedade. As discussões eram contínuas e delas participavam livremente as mulheres.

Vejamos agora um ou dois dos grupos de que a posteridade se lembra. Primeiro devo dizer que é muito difícil determinar a intensidade da discussão política na Inglaterra, antes de 1640, porque a censura tolhia as publicações. Só se podiam ouvir os ecos do pensamento popular quando alguém ia processado por fazer um comentário político num bar, talvez quando estivesse bêbado. Tais indícios são de difícil avaliação. Só ouvimos as idéias radicais quando estão sendo reprimidas. Mas é muito claro que algumas tradições se enraizaram em um passado bem remoto.

Em 1381 eclodiu uma revolta bastante generalizada, no sul e no leste da Inglaterra, contra um imposto, o *poll tax*,³ que aliás deu o que falar recentemente

quando Madame Thatcher tentou restabelecê-lo. Era um imposto igual para ricos e pobres: os pobres pagam *6 pence* e os ricos pagam *6 pence*, isto é que é igualdade! Durante a revolta de 1381, o verso que citei anteriormente circulava amplamente: "*Quando Adão cavava e Eva fiava, quem era então o gentleman?*". Quando Adão trabalhava no campo e Eva, muito surpreendentemente para o Paraíso, tinha uma roca de fiar, não havia nenhum *gentleman*. Este é um verso que expressa consciência de classe, à medida que distingue entre os que trabalhavam e os que obtinham o produto do trabalho das classes inferiores. Este verso circulou amplamente em 1381 e passou a ser citado sempre que havia algum distúrbio social, ao longo do século XVI e muito frequentemente nos anos 1640. A última ocorrência que conheço é de 1684. Há, portanto, uma expressão contínua de consciência de classe, de insatisfação por parte das pessoas comuns com relação ao governo da pequena nobreza. Esta é uma tradição que continua.

Outra tradição de longa data foi a da teoria do jugo normando. Esta teoria concebia a Inglaterra como um país anglo-saxão livre até 1066, quando aconteceu a conquista normanda e a Inglaterra foi ocupada por uma aristocracia francesa, da Normandia. Do ponto de vista dessa lenda, a conquista normanda permaneceu um evento simbólico na história inglesa. Os ingleses tinham sido livres até que o jugo normando foi imposto. Colocava-se o desafio de derrubar o jugo normando. Nos anos 1640, as pessoas atacavam a monarquia e a aristocracia normandas. Tratava-se de uma ideologia que perdurou por muito tempo, atravessando o radicalismo inglês e indo até o final do século XIX: "*eles são estrangeiros, não são ingleses*".

Estas duas idéias, da igualdade dos homens e do jugo normando, simbolizadas pela existência de uma pequena nobreza proprietária e privilegiada, são teorias que persistem. O jugo normando é uma das muitas teorias inspiradas no passado e que, na verdade, são voltadas para o futuro: "*o que precisamos fazer é recuperar a liberdade de que desfrutávamos antes da conquista normanda*". Na verdade, ninguém sabia como era a Inglaterra antes da conquista normanda, eu não creio que se fôssemos livres de modo algum, mas esta era a ideologia. Se voltarmos à época em que os anglo-saxões eram livres, no futuro viveremos felizes para sempre. Este era um modo de pensamento bastante comum: muitos devotos queriam voltar à Igreja primitiva e aos primeiros cristãos, livrando-se de tudo de desagradável que transcorreu ao longo da história, especialmente após a Igreja tornar-se uma grande proprietária e parte do *Establishment* governante.

O que parece uma peça de antiquário, olhando para o passado, é na verdade um modo de esboçar uma constituição ou um estado da sociedade para o futuro. Ao longo do século XVII, havia discussões sobre isso: a idéia de que podemos planejar o futuro, sem nos preocuparmos com o passado, começa a tomar forma. E, enquanto nos anos 1640 as pessoas falavam sobre os direitos

3 Um imposto mais ou menos equivalente à capitação, ou seja, um imposto cobrado *per capita*.

dos ingleses, dos descendentes dos anglo-saxões livres, agora começam a falar sobre os direitos do homem, algo que nada tem nada a ver com a história, que são os direitos do homem como homem. Não se tratava mais de uma teoria baseada na história inventada e tornou-se uma teoria racional sobre como a sociedade deve ser estruturada.

Os *Levellers* foram um fator importante nesse processo. Eram fortes em Londres, no Exército, em algumas regiões em volta de Londres. Esboçaram e tentaram aprovar diversas constituições democráticas, nas quais reivindicavam o sufrágio universal e uma grande democratização dos governos locais, que, é claro, eram dominado pela pequena nobreza e, em Londres, pelos comerciantes ricos. Tanto no nível da política nacional, quanto local, os *levellers* advogavam a democratização, e a extensão do sufrágio e uma maior igualdade perante a lei. Em particular, observavam que uma das principais conquistas da classe proprietária com a Revolução foi a abolição dos direitos feudais. É um assunto complicado, tentarei ser tão conciso quanto possível, mas era uma questão política importante. Alegava-se que o direito de posse feudal, a propriedade da terra e a dependência com relação à hierarquia social remontavam à conquista normanda. Quando Guilherme, o conquistador, distribuiu as terras inglesas entre seus seguidores, seus cavaleiros normandos, ele estabeleceu direitos de posse feudais, direitos de posse militares, através do qual o *tenant in chief*, como era chamado, recebia um lote grande de terra, juntamente com as pessoas que nele trabalhavam, sob a condição de que quando o rei precisasse de seus serviços, seus *tenants* seriam chamados para ir à guerra. Esta era a condição que permitia a posse da terra. Houve provavelmente uma espécie de aluguel mínimo, mas o peso maior era da obrigação militar. Com o passar do tempo, por volta dos séculos XVI e XVII, não era mais útil ao rei convocar os *tenants-in-chief* e seus *tenants*, porque não lhe teriam sido mais úteis militarmente. Numa época de mosquetes, etc, não estariam suficientemente treinados. Desta forma, a relação foi adquirindo um caráter fiscal, expresso em pagamento em dinheiro, mas uma condição da antiga posse feudal ainda permanecia e constituía um sério agravo. A condição de fornecer tropas para o rei podia criar problemas quando da morte de um *tenant in chief*. O que fazer quando o herdeiro, o filho, fosse um menor, digamos, de doze anos? O herdeiro não podia convocar seus *tenants* para lutar pelo rei. Na teoria e na prática, nestes casos a terra revertia para a Coroa, o rei tomava posse dela até que o herdeiro atingisse a maioridade. Na Inglaterra do século XVII esta retomada havia se transformado numa transação financeira: com a morte de um *tenant in chief* com herdeiro menor ou sem herdeiro, a propriedade era confiscada, a não ser que o herdeiro pudesse comprá-la de volta. Como o preço era bastante elevado, a possibilidade da recompra era pequena. Neste caso a propriedade era simplesmente vendida pelo período de minoridade do herdeiro, a um membro da corte ou a algum outro

especulador, que recebia a propriedade por um determinado período, podendo fazer o que quisesse com ela. Seu objetivo era o de ganhar dinheiro rapidamente, portanto desenvolvia qualquer tipo de atividade lucrativa: cortava toda a madeira e a vendia, mudava de agricultura para pecuária, ou da pecuária para agricultura, o que quer que lhe proporcionasse o lucro mais rápido. A morte de um *tenant in chief* podia significar uma penalidade desastrosa para uma família aristocrata proprietária de terras. E, como a expectativa de vida no século XVII era de trinta e cinco anos, os transtornos eram bastante freqüentes. Estima-se que os *tenants in chief* deixavam menores como seus herdeiros, em média, uma vez em cada três gerações, de modo que a cada trinta anos, mais ou menos, a estrutura da produção agrícola estava sujeita a grande desarranjos, dificultando o planejamento a longo prazo voltado para o mercado que se tornava cada vez mais importante na Inglaterra do século XVII. O que os proprietários de terra mais queriam era abolir os direitos de posse feudais. Assim que a guerra civil terminou, o Parlamento aprovou um decreto abolindo os direitos de posse feudais. Entre os primeiros assuntos tratados pela Câmara dos Comuns após a restauração da monarquia foi o de (...)

• • •

[...] [...]

O próximo assunto tratado na Câmara dos Comuns foi indicar uma comissão para estudar a melhor maneira de confirmar a abolição dos direitos de posse feudais, devido à importância que os parlamentares atribuíam a esta questão — importância essa que não foi percebida pelos historiadores. A abolição dos direitos de posse feudais foi vital para a revolução agrícola da segunda metade do século XVII, pois tornou possível o planejamento da agricultura a longo prazo. No início do século XVII a Inglaterra não conseguia alimentar sua própria população e tinha que importar grãos. A fome generalizada grassava nos anos de colheitas ruins. Ao chegar no final do século XVII, a Inglaterra havia se tornado um país exportador de grãos, e quando, nos anos 1690, houve fome na Escócia e na França, nada disso ocorreu na Inglaterra. O fato de a Inglaterra tornar-se auto-suficiente em alimentos foi da maior importância para o seu futuro desenvolvimento, pois ajudou a prepará-la para a Revolução Industrial, quando grande quantidade de pessoas tinham que ser alimentadas, pessoas que não plantavam seu próprio alimento.

A relevância de tudo isso (e receio ter feito uma longa digressão), para os radicais no século XVII, foi que os direitos de posse feudais foram abolidos, mas apenas entre o rei e os proprietários de terra. Os grandes proprietários receberam suas terras em termos de propriedade absoluta. Ora, as grandes propriedades geralmente eram ocupadas por camponeses (*tenants*) cujo assentamen-

to se baseava no chamado *copy hold* (aforamento), um tipo de posse contratual até hereditária mas que não concedia aos *copyholders* o direito da alienação de suas terras como propriedade. O *landlord* podia despejá-los sempre que isso lhe fosse conveniente, o que acontecia freqüentemente, em função das grandes mudanças que se processavam no setor agropecuário. Assim os radicais passaram a insistir em que, uma vez que a pequena nobreza havia-se beneficiado pela abolição dos direitos de posse feudais, e conseguido a propriedade absoluta de terras, a lei devia garantir os mesmos direitos para os *copyholders*, para que não mais ficassem à mercê de seus *landlords*. Nesta questão os radicais não obtiveram êxito. Todos os grupos radicais, sobre os quais vamos falar, exigiram a abolição dos *copyholders*. Não obstante, na legislação que confirmava a abolição de direitos de posse feudais, o Parlamento sempre se dava ao trabalho de explicitar que de maneira alguma o *copyhold* poderia transformar-se em título de propriedade. Desse modo os *copyholders* permaneceram sujeitos ao despejo sempre que conviesse aos grandes proprietários. É preciso reconhecer que a prosperidade agrícola da segunda metade do século XVII foi, em boa medida, baseada na habilidade dos *landlords* em despejar as pessoas cuja permanência fosse inconveniente para seu planejamento agrícola.

Tratava-se de uma grande derrota para os radicais. Por outro lado, a luta em prol da abolição do *copyhold* representou um momento de unidade de todos os grupos radicais. Era, por exemplo, uma das bandeiras dos *Levellers* em 47-49 quando cooperaram com o comando geral do exército. Naquele momento o exército estava unido, das tropas aos generais, mas havia divergências quanto ao julgamento e à execução do rei. Os *Levellers* ficaram ansiosos, não achavam que isto fosse legal ou sequer um modo correto de se proceder e, portanto, nos primeiros meses de 1649, revoltaram-se contra o governo. Mas foram reprimidos. A derrota significou o fim dos *Levellers* do ponto de vista da história política, embora a palavra e o nome continuassem a ser utilizados até o século XVIII.

Outro grupo, que quero considerar rapidamente, é muito menor e menos influente, mas interessante devido às suas idéias: são os *Diggers*, os "comunistas" do século XVII, homens pobres da pequena vila de Cobham Heath em Surrey, que estabeleceram uma comunidade agrícola, na qual reuniram todas as suas terras em uma posse comum. Eles criaram uma colônia comunista, na qual toda a produção agrícola ou de outra natureza era igualmente compartilhada entre as famílias da comunidade. Um tanto ou quanto surpreendentemente, esta idéia espalhou-se rapidamente e em pouco tempo havia mais ou menos doze comunas semelhantes, espalhadas pelas *Midlands* e sudeste da Inglaterra. A idéia parecia estar pegando. O mais importante para nossos objetivos é que o movimento produziu Gerard Winstanley, um teórico considerado de importância. Ele escreveu muitos panfletos, argumentando a favor da produção comunal, por oposição à concorrencial; e explorou uma série de idéias que se

anteciparam a outras desenvolvidas bem mais tarde. Por exemplo, ele tinha uma teoria do valor do trabalho. Dizia ele que se um homem enriquece através do emprego de trabalho assalariado, suas riquezas pertencem não a ele mas aos seus trabalhadores, o que é equivalente à teoria marxista da propriedade. Embora falasse sobre todos os **homens**, ele foi um dos poucos no século XVII que dizia "*todos os homens, vírgula, homens ou mulheres*". Ou seja ele usava a expressão "todos os homens" para se referir a toda a humanidade, uso este pouco comum para a época. Talvez houvesse outros que de fato incluísem as mulheres no termo *homens*, ao se referirem a "todos os homens", como os *Levellers* freqüentemente faziam. Porém, foi Winstanley, na verdade, que se deu ao trabalho de lembrar-nos que as mulheres existiam, assim como os homens. Winstanley tinha uma teoria religiosa e política geral. Sua teoria religiosa foi expressa em palavras que considero deliberadamente provocadoras: "*a verdadeira e imaculada religião é a que provê a todo homem os meios para cultivar livremente e viver livremente do seu trabalho*". É uma definição curiosa da verdadeira religião, e talvez nos faça pensar um pouco sobre o que significava a religião no século XVII. Mas para Winstanley, a religião não tinha nada a ver com a teologia ou os teólogos. Religião significava estabelecer a justiça sobre a Terra, isto era a verdadeira religião e foi disto que Jesus Cristo falava. Winstanley foi um pensador sério cujos escritos, apesar da repressão aos *Diggers* em 1650, ainda eram lembrados e discutidos no final do século XVIII, quando o radicalismo reemergiu na Inglaterra.

Um outro grupo, que devo apenas mencionar, era o dos *Ranters*, que não era um grupo organizado, mas apenas um nome utilizado para se referir a pessoas com determinadas idéias. Os *Ranters* levaram ao extremo a idéia religiosa radical de que Deus está em todos nós e que se deve escutar o que Deus nos diz para, a partir disto, agir. O raciocínio deles era mais ou menos o seguinte: "*se estou convencido de que este modo de agir está certo, então é isso o que Deus me mandou fazer e devo agir baseado nisso*". Desta forma justificavam todo o tipo de desvio da moralidade e ordem legal normais. Um deles diz: "*você só será verdadeiramente livre quando conseguir dormir com todas as mulheres como se elas fossem uma só mulher*". Se Deus lhe dissesse para deitar com várias mulheres, tudo bem que fosse em frente. Vejam as vantagens disso para alguns homens e a desvantagem para um governo interessado em manter a lei e a ordem. O *Ranters* gozaram de uma efêmera popularidade ao argumentarem pela inexistência do conceito de roubo: uma boa doutrina para as classes inferiores mas nem tanto para as classes altas. De uma perspectiva atual, eles eram obviamente anarquistas, com efeito, anarquistas bastante irresponsáveis. Não se tratava de um grupo político sério, mas suas idéias tiveram ampla circulação, verbalmente e pela imprensa. Um decreto especial do Parlamento foi aprovado para reprimi-los e foram perseguidos

duramente. Suas idéias estiveram em voga durante pouco tempo, mas talvez tenham sobrevivido mais do que sabemos. No final do século XVII e início do século XVIII a palavra *Ranter* ainda aparecia aqui e acolá. Eles têm de ser mencionados porque ajudaram a desgatilhar a reação conservadora contra os radicais. Os radicais, como um todo, ficaram marcados pela poeira dos *Ranters*. Qualquer um que defendesse a reforma parlamentar era considerado como sendo a favor de que tanto as mulheres como a propriedade fossem comuns a todos. Todos foram afetados. Nessa medida, eles dividiram e desorganizaram os radicais.

E finalmente, os *Quakers*. Os *Quakers* são muito interessantes. Eu penso, embora outros historiadores não concordem com isso, que eles surgiram a partir dos *Ranters*, depois que os mesmos foram reprimidos. O que se deve dizer sobre os *Quakers*, nos anos 1650, é que eles acreditavam que Deus poderia estar em cada um de nós e que deveríamos escutar seus conselhos, embora não adotassem a doutrina libertina dos *Ranters*. Mas de fato, acreditavam na idéia de que Deus comunicava-se diretamente com os seres humanos, e o que Ele lhes dizia os impelia à ação. A grande diferença entre os primeiros *Quakers* e seus sucessores, do final do século XVIII em diante, é que estes eram pacifistas; eles eram conhecidos particularmente por não acreditarem na guerra ou na participação em atividades políticas. Nos anos 1650 isto não era verdade. George Fox, que se tornou o líder dos *Quakers*, disse a Cromwell que era uma desgraça que ele ainda não tivesse liderado seus exércitos para conquistar Roma, e que quanto mais cedo o fizesse melhor seria. Fox ia mais longe opinando que se Cromwell não o fizesse, as tropas do exército dever-se-iam livrar dele e empreender tal campanha antipapista. Ora, não são exatamente sentimento pacifistas. Naquela época os *Quakers* eram ativistas políticos e se espalharam muito rapidamente por toda a Inglaterra, começando pelo norte e descendo, em 1652, quando os *Ranters* acabavam de ser reprimidos. Eles conseguiram um grande número de seguidores, não se sabe quantos exatamente, não há estatísticas sobre isso, mas era um movimento muito difundido, que conseguiu muito apoio e causou muito alarme entre as classes respeitáveis. Eram politicamente e socialmente radicais, e traços disso sobreviveram no movimento *quaker* posterior. Eles utilizavam um língua especial, uma língua que desrespeitava as pessoas socialmente superiores. No século XVII, um superior se dirigia a um inferior utilizando *thou* e o inferior deveria tratar o superior por *you*. Os *Quakers* tratavam todos por *thou*. "*Todos os homens são iguais*", todos os seres humanos são iguais. E quando George Fox teve um encontro com o rei, depois da restauração, ele o tratou por *thou*. E Carlos aceitou aquilo com um sorriso. Como parte da mesma coisa, eles insistiam em não remover o chapéu na presença de seus superiores ou autoridades legais. A disciplina do chapéu era muito importante no século XVII. Se alguém tivesse que comparecer a um

juízo, era evidente que teria de remover seu chapéu na corte. Os *Quakers*, naturalmente, recusavam-se a fazê-lo e a solução encontrada foi a remoção dos chapéus por terceiros. Ao dirigir-se a um superior para pedir-lhe um favor, dever-se-ia retirar o chapéu, enquanto o superior mantinha o seu. Um filho nunca usaria chapéu na presença de seu pai. Pior é que as pessoas usavam chapéus o tempo todo. Creio que as correntes de vento entravam nas casas, e as pessoas tinham que usar chapéus dentro e fora de casa.

Estes são alguns sinais do igualitarismo dos *Quakers*, que ajudaram a torná-los impopulares, mas que também ajudaram a torná-los atraentes para certas pessoas. Por exemplo, um adolescente que quisesse revoltar-se contra seu pai, poderia manter seu chapéu na sua presença. Há muitas histórias nas autobiografias dos *Quakers*, de lutas entre os filhos, que diziam "*Acho que vou ficar de chapéu na sua presença, senhor*", e os pais que ficavam absolutamente furiosos e os atacavam. Deve ter sido divertido para os adolescentes. Os *Quakers* também tiveram um efeito muito liberador para as mulheres. A sociedade era muito móvel no século XVII. O exército deslocava-se por todo o País, e as pessoas mudavam-se muito, mas havia também um grande número de pregadores viajantes, reverendos ambulantes que tentavam converter as pessoas para sua causa. Os *Quakers* utilizavam mulheres pregadoras muito frequentemente. Havia muitas mulheres viajando juntas pelo interior, pregando. Elas receberam um tratamento bastante rude por parte dos graduandos, quando foram a Cambridge, mas isto fazia parte do jogo. Algumas mulheres e homens foram a Roma tentar converter o Papa, ou o Grande Turco em Constantinopla, ou até mesmo os puritanos na Nova Inglaterra. Eles receberam um tratamento mais leve do Papa e do Grande Turco do que dos puritanos na Nova Inglaterra, que não gostavam dos *Quakers* de modo algum e os açoitavam, ameaçando-os com execução se voltassem. Mesmo assim, eles voltavam, de um modo irritante. Os *Quakers* produziram um efeito socialmente muito perturbador. De um lado eles foram os herdeiros dos *Levellers*, dos *Diggers* e dos *Ranters*, que haviam sido reprimidos. Mas sujeitá-los à repressão era difícil uma vez que não constituíam uma organização política, e nem tinham um programa político. Por outro lado sua prática social parecia subversiva para os homens decentes, os defensores da lei e da ordem. Um historiador dos *Quakers* argumenta que foi por medo deles que se precipitou a restauração de Carlos II e da monarquia em 1660. É uma interpretação bastante plausível. Em 1659-60, o País encontrava-se em estado de anarquia. O exército havia tomado o poder mas não sabia o que fazer com ele, enquanto crescia o movimento em favor da restauração de uma monarquia parlamentar. Para evitar a restauração era necessário revitalizar e articular o radicalismo no exército para concentrar suas forças políticas. Naquela altura, não havia mais *Quakers* no exército, pois haviam sido expulsos por não fazerem continência ao cumprimentar os oficiais e insistiam em tratá-los

por *thou*, mas em 1659 os membros da seita reingressaram no exército em grande número. Um dos boatos mais alarmistas que os conservadores espalharam foi de que os *Quakers* estavam-se armando e que iria haver um golpe militar. Isto soa estranho, admito, para um grupo que hoje se considera pacifista, mas esta era a situação de fato. E hoje em dia, quando dou palestras para platéia de *Quakers* agrada-me lembrar-lhes que, em 1659-60, eles foram os últimos defensores da ditadura militar na Inglaterra. A reação é sempre mista: agradando a alguns e a outros não. Com a restauração, os *Quakers* tiveram que repensar suas posições muito rapidamente. Em Janeiro de 61, houve uma rebelião em Londres, não de *Quakers*, mas de pentomonarquistas, pessoas que estavam tentando acelerar a chegada do Reino dos Céus por meio da força. Embora esta rebelião fosse, de antemão, malfadada e acabasse sendo reprimida, durante várias semanas ela levou a uma série de lutas sangrentas em Londres. Na verdade, não passou da resistência de uma meia dúzia de homens que esperavam que o Senhor Jesus viesse ajudá-los. Eles eram realmente maníaco-religiosos. Uma semana depois, os *Quakers* publicaram o *Princípio da Paz* para diferenciá-los daqueles que acreditavam na revolta violenta contra a monarquia. Ora, uma vez que foi produzido apenas uma semana depois da revolta, este documento obviamente não poderia ter sido fruto apenas daquele momento. De qualquer forma a publicação marcou uma reviravolta nos rumos do movimento. Por isso mesmo a introdução do *Princípio de Paz*, ao recusar qualquer forma de atividade militar e rejeitar a atividade política, dividiu o movimento *quaker* em muitas facções. Alguns escolheram a emigração em vez de aceitar esta nova doutrina. Ainda em 1685, quando o Duque de Monmouth liderou uma rebelião contra Jaime II, vários *Quakers* lutaram com ele e foram executados por isso. Portanto, a mudança não tinha sido aceita pela totalidade do movimento *quaker*, mesmo vinte e quatro, vinte e cinco anos depois que o *Princípio de Paz* foi publicado. O *Princípio* significou o estabelecimento de um novo tipo de disciplina entre os *Quakers*, que tinham até então acreditado totalmente na luz interior e em que todos deveriam ser livres para expressar suas próprias opiniões, sem nenhuma organização formal da coletividade. Foi depois de 1661 que os *Quakers*, sem dúvida, se transformaram numa seita organizada e disciplinada, como qualquer outra seita. Aliás, depois de 1660, todas as seitas tiveram que se tornar mais organizadas e mais disciplinadas a fim de sobreviver à perseguição. Estes são os *Quakers*. Eles foram um dos legados mais importantes da Revolução Inglesa para Inglaterra e para o mundo, acredito.

Portanto, estou tentando demonstrar que os radicais não eram um grupo de lunáticos periféricos, como seus inimigos alegavam, e como alguns historiadores aceitaram. Em muitos aspectos, eles antecipam idéias do século XX, embora as expressassem em linguagem religiosa. Eles articulavam problemas políticos e de classe. A Bíblia foi usada para pregar a democracia, através do

exemplo de Adão, e para defender aspectos sociais. Winstanley disse que Caim estava vivo em todos os grandes proprietários de terra e, como sabemos, Caim matou Abel. Como diz a Bíblia, todos haviam de se opor a Caim e matá-lo onde quer que fosse encontrado. Se fizessem isso com todos os grandes proprietários de terra na Inglaterra, haveria uma revolução social. A Bíblia também forneceu a idéia da terra prometida a ser alcançada depois da travessia do deserto selvagem. O deserto selvagem era a sociedade, tal como ela existia na Inglaterra da época. Em Cristo: "Não há nem escravo, nem livre, a verdade vos libertará": há muito de democracia na Bíblia.

Vou parar neste ponto, pensar sobre o que foi dito, e fazer uma discussão. Um assunto para o qual espero ter a ajuda de vocês, mais tarde, depois de nossa discussão, seria a Teologia da Libertação. Acabei de escrever um livro sobre como a Bíblia foi utilizada na Inglaterra, no século XVII.⁴ Um dos meus amigos americanos apontou vários paralelos interessantes entre o radicalismo religioso do século XVII e a Teologia da Libertação. Pretendo discutir este assunto com vocês, vocês devem saber muito mais sobre a Teologia da Libertação do que eu. Mas acho que há algumas análises bastante interessantes que podem jogar luz sobre os dois movimentos. Isto, porém, depois do intervalo.

4 HILL, Christopher. *The English Bible and the Seventeenth-century Revolution*. London: Allen Lane; New York: Penguin Press, 1993.